



casa da música

12 OUT | 2012

ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS & MAYRA ANDRADE

22:00 SALA SUGGIA

Mayra Andrade voz

Pedro Guedes direcção musical

José Luís Nascimento percussão

Placa giratória do Atlântico por excelência, o arquipélago de Cabo Verde foi durante séculos um caldo de culturas em permanente ebulição. Aí se encontraram as músicas da Europa e África, apesar dos esforços coloniais e clericais para as apartar; aí se recebeu de braços abertos as sínteses de um Brasil demasiado vasto para ver a sua criatividade domada; e nas suas dez ilhas se inventou as múltiplas formas de expressão que permitiram contornar todos os contratempos e afirmar a identidade do cabo-verdiano.

A morna será o género mais célebre da música de Cabo Verde, levado para o mundo por vozes como a de Cesária Évora e passando por sucessivas transformações em mãos hábeis como as de um B. Leza, por exemplo. Com um sabor muitas vezes comparado ao do fado, divide com este uma influência crucial, a do lundum afro-brasileiro que chegou no século XIX. Rapidamente se espalhou por todo o arquipélago e se tornou a canção mais identificativa do país. A morna, com os teus temas melancólicos que versam o amor, a tristeza, a separação ou a morte, acaba por ser o ponto de partida para outro género mais animado, a coladeira, resultado de cruzamentos com a música sul-americana. Tal como no Brasil o choro nacionalizou as formas europeias, em Cabo Verde a coladeira adaptou os ritmos do baião, do fox ou do merengue.

Mas o concerto desta noite ultrapassa em muito o universo daquilo que nos habituámos a identificar como música cabo-verdiana. A música de Mayra Andrade, aliás como a sua vida, é matéria em permanente florescência com raízes, sim, bem assentes no arquipélago, mas sintetizando as mais diversas influências que lhe atravessaram o caminho: elas são a música popular brasileira, com grande destaque, mas também o jazz, a pop, o rock. Os condimentos estão por ali e vão redefinindo música unificada por padrões rítmicos tradicionais, pelos poemas em crioulo, pelas linhas melódicas que contrastam melancolia com fulgor rítmico. Mas não há qualquer

complexo em explorar harmonias mais ousadas, em desenhar melodias cheias de lirismo sem morada, em incorporar guitarras que já não sabemos se vêm de Cabo Verde ou do Brasil, em importar ritmos afro que saltam as fronteiras traçadas no ocidente africano.

Os textos exploram a caboverdianidade não apenas pela língua, mas também pelos temas abordados: as quezílias familiares em *Badiu si...*, os alertas sociais em *Konsiénsia* ou *Dimokránsa*, a celebração da terra-mãe e da sua cultura em *Stória stória...* ou *Nha Damáxa*, as meditações de amor em *Odjus Fitchádu*, o quotidiano e as intrigas da aldeia em *Nha Sibitchi*, a fuga à pobreza em *Mana*, a forte ligação à natureza em *Lua* ou *Seu*.

Neste projecto com Mayra Andrade, a Orquestra Jazz de Matosinhos conta com os arranjos de Pedro Guedes, Carlos Azevedo e Telmo Marques sobre repertório dos dois primeiros álbuns da cantora: *Navega* e *Stória, stória...* Assim, este concerto tem como ponto de partida a selecção de canções seguinte, ainda que sujeita a alterações:

Lua (Calú Princezito; arr. P. Guedes)

Odjus Fitchádu (Mayra Andrade/Idan Raichel; arr. P. Guedes)

Seu (Mayra Andrade; arr. P. Guedes)

Nha Sibitchi (Mayra Andrade; arr. P. Guedes)

Nha Damáxa (Kim Alves; arr. P. Guedes)

Stória, stória... (Mayra Andrade; arr. P. Guedes)

Mana (Mayra Andrade; arr. C. Azevedo)

Badiu si... (Kim Alves; arr. C. Azevedo)

Dimokránsa (Kaká Barboza; arr. C. Azevedo)

Regasu (Orlando Pantera; arr. T. Marques)

Palavra (Mário Lúcio Sousa; arr. T. Marques)

Konsiénsia (Mayra Andrade; arr. T. Marques)

FERNANDO P. LIMA

MECENAS CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA



Mayra Andrade voz

A singularidade da voz e da postura de Mayra Andrade vem de longe, da família, dos tempos passados à beira do gira-discos e do mundo. Ricardo, seu primo e padrinho, foi o seu primeiro parceiro musical, que cedo percebeu que a pequena Mayra gostava de música e começou a fazer canções simples, coisas infantis mas que a memória guardou. Com quatro ou cinco anos, Mayra divertia a sua família cantando canções de Caetano Veloso, dançando e fazendo improvisações teatrais.

Mayra Andrade passou os seus primeiros anos no bairro do Ténis, no Plateau. Morava a um minuto a pé da única escola de iniciação musical infantil da ilha. Nunca chegou a estar formalmente inscrita mas era lá que passava boa parte do tempo. Aos seis anos, foi com a mãe e o padrasto, na época embaixador de Cabo Verde, instalarse no Senegal, depois em Angola e na Alemanha.

Regressou mais tarde a Cabo Verde onde, aos quinze anos, cantou em público pela primeira vez fora de um ambiente escolar. Fez o primeiro concerto formal a 15 de Agosto de 2000, e começaram de imediato os convites: Coliseu do Recreios em Lisboa, num concerto que marcou o encontro de três gerações de música cabo-verdiana; e a estreia francesa no festival de jazz “Les Rendez-Vous de L’Erdre” em Nantes.

O encontro com o Orlando Pantera foi o evento crucial do seu desenvolvimento artístico: na altura não sabia o queria fazer, mas sabia que queria fazer algo novo e o Pantera mostrou o caminho. Aos 17 anos descobriu Paris. Cruzou-se com músicos do mundo inteiro e não tardou a chamar a atenção de editoras e da imprensa no meio musical parisiense: havia uma nova e extraordinária voz na cidade. Para Mayra, no entanto, este foi um período de intensa aprendizagem, com o universo da música a abrir-se perante os seus ouvidos. Em Cabo Verde, tinha alargado horizontes e cantava de tudo, MPB e boleros, blues e chanson, além de reportório tradicional, mas em Paris foi nos sons da sua terra que se concentrou.

Com a descoberta dessa voz própria, surgiu o primeiro álbum, *Navega*, gravado para a Sony em Paris e produzido por Jacques Ehrhart, e também as colaborações em gravações de Charles Aznavour, Chico Buarque e Lenine. Mais recentemente, as suas aventuras musicais originam colaborações com Youssou N’Dour, Mart’nalía, Carlinhos Brown, Margareth de Menezes, Hugh Coltman, Angélique Kidjo, Yael Naim, Asa, Pedro Moutinho e muitos outros.

Os aplausos para *Navega* traduziram-se em importantes prémios, da crítica. O segundo título, *Stória, stória...*, gravado entre São Paulo e Paris, não lhe ficou atrás em distinções. Em 2010, Mayra regressa com um novo disco, gravado ao vivo nos estúdios da Radio France: *Studio 105*, acompanhado de um DVD.

Nos últimos anos, Mayra tem-se apresentado em palcos e festivais importantes de todo o mundo.

Pedro Guedes direcção musical

Na última década e meia, Pedro Guedes teve um papel crucial na transformação do meio jazzístico do Porto. Em 1999, fundou a Orquestra Jazz de Matosinhos, da qual é Director Artístico, Director Musical (em parceria com Carlos Azevedo), compositor, arranjador e pianista. Em 2001, juntamente com Carlos Azevedo, criou a primeira Licenciatura em Jazz do país. Desde então e até à actualidade, estes são os projectos aos quais se entrega de corpo e alma.

Em meados dos anos 80 ingressou na recém-criada Escola de Jazz do Porto. Mudou-se para Nova Iorque em 1992, sendo admitido na New School for Jazz and Contemporary Music, onde conclui o curso em 1994. Em 1995 torna-se Director Musical da Walt Disney em Portugal, e em 1997 funda e dirige a Héritage Big Band, que mais tarde daria origem à Orquestra Jazz de Matosinhos. O ano de 1997 marca o regresso aos EUA, ingressando na University of Southern California em Los Angeles, onde frequenta a pós-graduação em Scoring for Motion Picture and Television.

Entre 1998 e 2001 foi programador do Festival de Jazz do Porto. Foi ainda coordenador e programador da área do Jazz na Capital Europeia da Cultura – Porto 2001. É professor do curso de Jazz da Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo (ESMAE-IPP, Porto).

Orquestra Jazz de Matosinhos

Criada em 1999, a Orquestra Jazz de Matosinhos é uma das formações mais dinâmicas do jazz português actual. Com o apoio da Câmara Municipal de Matosinhos, iniciou a sua actividade como uma orquestra de autores, divulgando as composições e arranjos dos seus directores Pedro Guedes e Carlos Azevedo. A participação na Porto 2001 foi um primeiro passo no alargamento da sua base de trabalho, tornando-se cada vez mais um fórum de compositores que tem dado origem a um repertório nacional específico para este tipo de formação. Mais tarde, o protocolo estabelecido com a Casa da Música veio favorecer o desenvolvimento de projectos diversificados em colaboração com músicos de relevo internacional. O carácter único da OJM revela-se na versatilidade que lhe permite assumir todas estas vocações e desempenhar o papel de uma orquestra nacional de jazz, apresentando repertórios de todas as variantes estéticas e todas as épocas do jazz.

Saxofones João Pedro Brandão, João Guimarães, Mário Santos, José Pedro Coelho, Rui Teixeira

Trompetes Gileno Santana, Rogério Ribeiro, Susana Santos Silva, José Silva

Trombones Daniel Dias, Álvaro Pinto, Andreia Santos, Gonçalo Dias

Secção Rítmica Carlos Azevedo (piano), André Fernandes (guitarra), Demian Cabaud (contrabaixo), Marcos Cavaleiro (bateria)